

O ESTATUTO DE UM ENFOQUE ANTROPOLÓGICO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS

THE STATUS OF AN ANTHROPOLOGICAL APPROACH IN PHILOSOPHICAL INVESTIGATIONS

*Somente no fluxo do pensamento
e da vida as palavras têm sentido.*
(WITTGENSTEIN, 1984)

Thiago Vasconcelos¹

RESUMO

Wittgenstein, a partir de suas considerações acerca da linguagem, pouco a pouco representa a tarefa de substituição do primado da consciência (aquela primazia do *cogito* defendida por Descartes) por aquele da linguagem contextualizada. Ao abordar os problemas que pertencem aos conceitos de experiência subjetiva ou interna, Wittgenstein nos alerta sobre a superação de uma preocupação objetiva com a introspecção, com o acesso privilegiado, com a privacidade epistêmica e a propriedade privada da experiência. O significado do que dizemos é compreendido desde a perspectiva da vida do homem – a noção acerca da forma de vida é aqui decisiva. A pergunta “Como se pode falar sobre o mundo e, por extensão, sobre o homem?” é agora respondida a partir da inserção desse mesmo homem no mundo, na atividade intersubjetiva e plural que é a linguagem. É, portanto, a partir das considerações presentes nas *Investigações Filosóficas*, em que Wittgenstein se volta para o ordinário e, desse modo, para a tarefa de reconduzir nossos conceitos de seu uso metafísico ao seu uso cotidiano, que compreendemos aquilo que podemos chamar de enfoque antropológico de Wittgenstein.

Palavras-chave: Wittgenstein. Investigações Filosóficas. Linguagem. Enfoque Antropológico.

¹ Mestrando em Filosofia pela PUCPR. *E-mail*: thiagovasconcelosmg@gmail.com

ABSTRACT

Using his notions about the language, Wittgenstein gradually represents the task of superseding the primacy of conscience (the prevalence of Descartes' *cogito* approach) by another paradigm that uses the idea of contextualized language. Dealing with issues that belong to the concepts of subjective or internal experience, he warns us about overcoming the objective concern with the introspection, with a restricted access, the epistemic privacy and the private property of the experience. The meaning of the things we say is seen since the perspective of human life, and the notion of form of life is crucial here. The question "How is it possible to talk about the world and the mankind?" is now answered since the insertion of this same human being into the world inside this plural intersubjective activity called language. Therefore, using the notions present in the *Philosophical Investigations*, in which the author focuses in ordinary things, redirecting our concepts from their metaphysical usage to an everyday use, we understand what we can call Wittgenstein's Anthropological Approach.

Keywords: Wittgenstein. *Philosophical Investigations*. Language. Anthropological Approach.

INTRODUÇÃO

A linguagem é a plataforma sobre a qual se desenvolve a concepção wittgensteiniana de homem. Falar é uma ação, é fazer algo, e cada coisa que dizemos tem relação com uma prática social (forma de vida). O uso da linguagem está vinculado às atividades humanas. Portanto, a linguagem é um instrumento para propósitos humanos, de modo que dominar uma linguagem é dominar uma técnica ou as regras que governam os seus usos.

Wittgenstein, a partir de suas considerações acerca da linguagem, pouco a pouco representa a tarefa de substituição do primado da consciência (aquela primazia do *cogito* defendida por Descartes) por aquele da linguagem contextualizada. Ao abordar os problemas que pertencem aos conceitos de experiência subjetiva ou interna, Wittgenstein nos alerta sobre a superação de uma preocupação objetiva com a introspecção, com o acesso privilegiado, com a privacidade epistêmica e a propriedade privada da experiência.

O significado do que dizemos é visto desde a perspectiva da vida do homem, sendo a noção de forma de vida decisiva. A pergunta “Como se pode falar sobre o mundo e por extensão sobre o homem?” é agora respondida a partir da inserção desse mesmo homem no mundo na atividade intersubjetiva e plural que é a linguagem, pois linguagem e cultura deixam de ser duas abstrações para se integrarem em uma mesma ação na noção de jogo de linguagem. As palavras são ações. Linguagem e ação se misturam. Não há linguagem senão em relação com um modo de ação e atuação.

Nosso trabalho tem como objetivo analisar de que forma a linguagem, a partir do que se denominou **virada linguístico-pragmática**, contribui para uma superação da concepção do homem considerado desprendido de seu contexto. Logo, temos como intuito em nosso trabalho analisar como as considerações – na obra *Investigações Filosóficas*² – acerca da linguagem nos possibilita sustentar um enfoque antropológico no pensamento de Wittgenstein.

² A obra *Investigações Filosóficas* foi publicada em uma edição bilingue em 1953, a tradução foi feita por Elizabeth Anscombe, testamentária dos escritos de Wittgenstein. Usaremos ao longo das citações a sigla IF para designar *Investigações Filosóficas*. As citações das IF ao longo do trabalho pertencem à terceira edição da tradução realizada por José Carlos Bruni, publicada pela editora Abril Cultural na coleção *Os pensadores* e serão feitas conforme o número do parágrafo.

1 CRÍTICA AO MODELO EXPLICATIVO

A afirmação de Wittgenstein de que o trabalho da filosofia deveria se voltar, sobretudo, para a análise da linguagem foi submetida à convicção dos membros do Círculo de Viena, que definiram que apenas a ciência é fonte de conhecimento e compreensão³ (GLOCK, 1998, p.29), visão essa que o autor rechaçava. Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein se posiciona criticamente em relação à tradição filosófica ocidental no que se refere à compreensão da função da linguagem. A visão agostiniana da linguagem apresentada no início de sua obra é criticada, pois tem como base a ideia de que toda palavra tem um significado, que é o objeto que a ela se refere. Assim, a função ostensiva é dado o caráter funcional da linguagem.

O intento de Wittgenstein nas *Investigações* é combater um determinado modo de fazer filosofia que nos levou a erros e, conseqüentemente, a confusões, por desviar o nosso olhar da prática cotidiana da linguagem e voltá-lo para a busca de uma linguagem ideal. Esse era o ideal do Círculo de Viena ao qual autor se opôs. Os esforços do Círculo centravam-se, principalmente, na aplicação de um simbolismo construído segundo o modelo da matemática e uma linguagem exata para estes que pudessem descrever a realidade.

O autor não apenas distancia a análise da linguagem e a compreensão da atividade filosófica do método explicativo, mas, também, a análise dos conceitos psicológicos. O interesse de Wittgenstein não é explicar a natureza dos fenômenos psicológicos. Sua investigação é gramatical, refere-se ao uso que fazemos dos conceitos psicológicos. A confusão ocorre, sobretudo, porque a psicologia é considerada uma ciência dos fenômenos mentais, do mesmo modo que a física é uma ciência dos fenômenos naturais:

Assim como esta [a física] trata dos fenômenos empíricos pela observação externa, aquela [a psicologia], por sua vez, trata da observação do que ocorre no interior da mente. Um modo de acesso privilegiado a esses dados seria a introspecção. Mas a confusão se instaura, à medida que, ao observarmos nossos estados mentais, nós o alteramos e até mesmo criamos outros. Nesse sentido, uma ciência

³ “O método explicativo tende a considerar o passado como oculto nas brumas da superstição, e, portanto, ele tem de ser revisto sob a claridade explicativa da ciência ou da civilidade do homem moderno” (HEBECHE, 2002, p. 41).

que observe estados mentais é, no mínimo, obscura. Não podemos aí empregar a palavra “observar” como fazemos na física. Eu não posso observar meus estados mentais e nem observar os estados mentais dos outros no sentido peculiar de “observar” (HEBECHE, 2002, p. 20-21).

A investigação gramatical deve substituir a unilateralidade de casos por uma multiplicidade de exemplos que evidenciem os vários usos dos conceitos psicológicos, para que assim possam se distinguir os diferentes modos com que usamos uma expressão. A análise linguística não pretende explicar ou descrever os fenômenos psicológicos da mesma forma que os fenômenos físicos, ancorados em um tratamento ostensivo. Busca, ao contrário, mostrar que expressões como “esperar’, ‘intentar’ ou ‘querer’ podem ser mais bem compreendidas desde jogos de linguagem diferentes, embora tenham aspectos que lhes dão ‘familiaridade’, constituindo o mundo da consciência” (HEBECHE, 2002, p. 21).

Wittgenstein elimina o modelo objeto-designação, pois seu esforço não estava voltado à clarificação completa dos conceitos psicológicos. É uma visão panorâmica ou sinóptica⁴ que o autor emprega para afastar a concepção de que a linguagem deve ser ajustada a uma única forma, isto é, a noção de forma geral da proposição. Wittgenstein rompe com o método explicativo que nos levou a uma ilusão gramatical, fazendo-nos reunir a diversidade da linguagem em superconceitos ou restringindo a análise da linguagem ao método ostensivo.

O autor se coloca contra o império do método explicativo e procura uma alternativa ao modelo predominante das ciências. Ele “rejeitou a ideia de que a última palavra sobre o que se expressa na linguagem ordinária fosse dada por uma explicação filosófica ou científica” (HEBECHE, 2002, p. 38). Os jogos de linguagem estão enraizados em contextos, e é a distinção deles que afasta a ânsia de generalidade. As confusões surgem quando procuramos englobar a análise de todos os jogos de linguagem distintos a partir de um jogo apenas, o explicativo⁵.

Wittgenstein apresenta em *O livro azul* as confusões filosóficas que surgem a partir do desejo de generalidade, mostrando que essa atitude de desprezo com o caso

⁴ “Uma fonte principal de nossa incompreensão é que não temos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. – Falta caráter panorâmico à nossa gramática. – A representação panorâmica permite a compreensão, que consiste justamente em ‘ver as conexões’” (WITTGENSTEIN, 1984, § 122).

⁵ Wittgenstein afirma no primeiro parágrafo das *Investigações Filosóficas* que “as explicações têm em algum lugar um fim”, o que tem como sequência a volta para o uso das palavras no cotidiano.

particular é o que dificulta a investigação dos jogos de linguagem. Segundo o autor, a ânsia de generalidade é a tendência “para procurar algo de comum a todas as entidades que geralmente subsumimos num termo geral” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 45). Somos inclinados a pensar que deve haver uma propriedade comum a tudo aquilo que chamamos de jogo, e que esse ingrediente comum é a justificação para a aplicação do termo geral **jogo**.

O autor substitui o ponto de vista das ciências naturais – que recorrem a justificações que se estariam ocultas por trás do que está à vista – a partir da noção de semelhanças da família das palavras. A “tendência a procurar uma causa é substituída pelas comparações e as semelhanças de família das palavras” (HEBECHE, 2012, p. 23). Os jogos formam, de acordo com Wittgenstein, uma família cujos membros têm parentescos, embora não possuam uma propriedade comum.

Alguns têm o mesmo nariz, outros as mesmas sobrancelhas e outros ainda a mesma maneira de andar, e estas pareças sobrepõem-se. A ideia de um conceito geral, como uma propriedade comum [...] é comparável à ideia de que as *propriedades* são *ingredientes* das coisas, que as possuem; que a beleza é, por exemplo, um ingrediente de todas as coisas belas tal como o álcool é um ingrediente da cerveja e do vinho, e que por conseguinte poderíamos ter a beleza pura, sem mistura de algo belo (WITTGENSTEIN, 2008, p. 46).

Há também, segundo Wittgenstein, a confusão proveniente da tendência a se considerar de que aprender a compreender um termo geral é estar na posse de uma imagem geral, em oposição a imagens particulares. O que está diretamente ligado ao modelo ostensivo, isto é, à “ideia de que o sentido de uma palavra é uma imagem, ou um objeto correlacionado com a palavra” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 46).

O desejo de generalidade repousa ainda sobre a nossa preocupação exagerada com o método da ciência (explicativo), aquele que procura reduzir a “explicação dos fenômenos naturais ao menor número possível de leis naturais primitivas” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 47). Wittgenstein afirma que os filósofos sempre tiveram presente o método da ciência e foram tentados irresistivelmente a levantar e responder questões do mesmo modo que ela, o que seria, de acordo com o autor, a fonte da metafísica, a busca por essências, ou seja, propriedades gerais e comuns.

Em sua filosofia da psicologia, o autor não quer analisar a questão do interior de maneira científica, como o queria a psicologia de sua época, que intentava

levá-la à condição de ciência. Sua investigação é gramatical, partindo da análise da linguagem: “Quando falo de uma ficção, falo de uma ficção *gramatical*” (WITTGENSTEIN, 1984, § 307, grifo nosso).

Wittgenstein propõe que a filosofia seja puramente descritiva. O autor afirma que em seu trabalho não terá “como tarefa reduzir seja o que a qualquer outra coisa, ou explicar seja o que for” (WITTGENSTEIN, 2008, p. 47). Devemos, desse modo, olhar como as palavras são usadas em um e em outros casos. A descrição dos conceitos psicológicos visa um olhar de conjunto, de seus diferentes usos. Não está comprometida, portanto, com a exatidão. A análise proposta por Wittgenstein mostrará assim que a consciência se situa na rede das palavras da linguagem:

Os filósofos falam muito frequentemente de investigar, analisar, o sentido das palavras. Mas não nos esqueçamos de que uma palavra não tem um sentido que lhe tenha sido dado, por assim dizer, por um poder independente de nós, para que possa proceder-se a uma espécie de investigação científica sobre o que a palavra *verdadeiramente* significa. Uma palavra tem o sentido que lhe foi dado por alguém. Existem palavras com vários sentidos claramente definidos. É fácil classificar esses sentidos. E existem palavras das quais se poderia dizer que são usadas de mil maneiras diferentes que, gradualmente, se fundem umas nas outras. Não é de admirar que não possamos formular regras precisas para o seu uso. É um erro afirmar que em filosofia consideramos linguagem ideal em contraste com nossa linguagem comum. Isto poderia levar-nos a crer que podíamos fazer coisa melhor que a linguagem comum. Mas a linguagem comum é perfeita (WITTGENSTEIN, 2008, p. 60-61, grifo nosso).

Observamos que o autor se opõe à possibilidade de que possamos submeter a linguagem a uma análise científica que explique as causas do seu verdadeiro significado, isto é, uma clarificação exata, causal e livre de ambiguidades. Wittgenstein ressalta, ao contrário, a heterogeneidade sob a qual o significado das palavras se encontra. Afirma ainda que isso não pode nos levar a pensar que a linguagem comum deve ser rejeitada em função de uma linguagem ideal. Essa é uma ilusão metafísica?

“Não é um jogo algum, se houver uma vagueza *nas regras*.” – Mas então não é jogo algum? – “Sim, talvez você chamá-lo de jogo, mas em todo o caso não é um jogo perfeito”. Isto é, ele está então impuro, mas interesse-me por aquilo que aqui se tornou impuro. [...]

compreendemos mal o papel que o ideal desempenha no nosso modo de expressão. [...] apenas estamos cegos pelo ideal e por isso não vemos claramente o emprego efetivo da palavra “jogo” (WITTGENSTEIN, 1984, §100, grifo nosso).

Se o ideal de exatidão abole a vagueza, a visão panorâmica expressa a diversidade de uso dos conceitos psicológicos. O mundo da consciência não é explicado pelo modelo que busca dar conta de um objeto que se refere a uma palavra. A busca por exatidão dá lugar à elasticidade da linguagem e a possibilidade de novos usos das palavras e articulações entre os jogos de linguagem.

A eliminação do modelo objeto-designação torna compreensível a diversidade da significação, e isso se contrapõe, como já vimos, ao ideal de exatidão ou de fundamentação, isto é, junto com a forma geral da proposição afasta-se toda pretensão de uma linguagem ideal ou de um jogo de linguagem ideal [...] A exigência do rigor torna-se suspeita. Afasta-se, então, a pureza cristalina da lógica (HEBECHE, 2002, p. 64-65).

O método explicativo obstaculiza a análise do significado do termo consciência e daquilo que lhe diz respeito, pois o desejo de generalidade produz várias confusões filosóficas. Portanto, a pergunta pode ser reformulada: “o que significa ter consciência ou ser uma criatura consciente, ou ainda, mais específica e diretamente, o que é consciência?” (DONAT, 2012, p. 151).

Em contrapartida, Wittgenstein procura, a partir da noção de filosofia como atividade de clarificação da linguagem e da concepção pragmática do significado, mostrar como usamos o conceito de interior em nossa linguagem usual em seus diferentes contextos⁶. A compreensão do interior em Wittgenstein afasta-se da busca pela essência da consciência e se aproxima da visão do funcionamento da linguagem em seus diferentes usos, modos e contextos.

⁶ “Wittgenstein nota que é no uso ordinário da palavra que os conceitos psicológicos fazem referência ao mundo, pois, como afirma o próprio autor em *Últimos escritos*, é necessário saber o que se fala ao utilizarmos palavras, tais como ‘pensar’, ‘perceber’, ‘imaginar’, ‘sentir’, entre outras” (PERUZZO JÚNIOR, 2011, p. 24).

2 EXPRESSÃO DO INTERIOR

A distinção interior/exterior é, segundo Wittgenstein, gramatical. Não podemos falar de vivências interiores como falamos do interior de um quarto ou de qualquer espaço físico. Há uma diferença gramatical em **descrever meu quarto** e **descrever minha sensação**:

Não identifico minha sensação por meio de critérios, mas uso a mesma expressão. Mas, com isto, o jogo de linguagem não *termina*; com isto começa. Mas não começa com a sensação – que descrevo? – A palavra “descrever” talvez nos tenha enganado. Digo “descrevo meu estado de alma” e “descrevi meu quarto”. É necessário evocar as diferenças dos jogos de linguagem. (WITGENSTEIN, 1984, §290, grifo nosso)

Falar das sensações, por exemplo, nada tem a ver com a maneira privada de nomear objetos. Ao contrário, podemos afirmar que há um caráter público, intersubjetivo na expressão das nossas vivências interiores por meio dos jogos de linguagem. Um conceito está ligado a um contexto de significação, isto é, de uso bastante amplo. A linguagem está ancorada na trama da vida e, conseqüentemente, a questão do interior só pode ser elucidada se não a tomarmos como uma caixa em que o próprio sujeito tem acesso ou que seja acessível apenas mediante o comportamento externo:

Alguém que fale comigo ou me ouça cantar ou chorar ou simplesmente sorrir, reconhecerá em mim algo como um interior. E no entanto é curioso que a um robô que seja a minha imitação perfeita e faça tudo isso não reconhecerá precisamente um interior, o que parece significar que não basta a observação de um comportamento externo para atribuir um interior. [...] Para que me possam atribuir um interior terão que reconhecer em mim uma série de qualidades não observáveis, como certamente a consciência, a vontade, a capacidade de decidir, etc. (MARQUES, 2003, p. 14-15).

O interior é compreendido a partir de critérios externos, ou seja, além das manifestações comportamentais se leva em conta a situação em que o interior é expresso. Ao tratar da questão da linguagem privada, já ressaltamos a característica de que os verbos psicológicos desempenham funções diferentes na primeira pessoa do presente – são uma expressão – e na terceira pessoa do presente – são uma informação/descrição. Desse modo, **eu estou com dor** e **ele está com dor** devem ser tomados como casos distintos. Enquanto a proposição em terceira pessoa é passível

de verificação a partir de critérios públicos/externos, não tem sentido buscar critérios em nosso interior para a verificação de uma proposição em primeira pessoa, “pois dadas as circunstâncias comuns da vida, é impossível não perceber uma dor que temos, ou até mesmo nos confundirmos quanto a ser, de fato, uma dor” (FATTURI, 2010, p. 139). Por conseguinte, podemos afirmar que a afirmação **eu estou com dor** não é uma descrição, mas uma exteriorização, ou melhor, uma expressão.

A análise de Wittgenstein sobre a exteriorização do interior tem como objetivo a crítica à concepção comum que remonta a Descartes. Segundo este, por não ter acesso ao interior de outrem, os indivíduos têm acesso privilegiado aos seus próprios estados internos, baseando-se numa observação direta do próprio interior. Os enunciados psicológicos não se fundamentam em experiências internas acessíveis somente ao sujeito em primeira pessoa por meio da introspecção. Ao contrário, o interior é manifestado na linguagem e está relacionado ao nosso comportamento e ao mundo que nos envolve, ou seja, com aquilo que Wittgenstein chamou de forma de vida.

É preciso compreender que os conceitos psicológicos participam de nossa linguagem ordinária e são usados em diferentes contextos e com diferentes significados. Entre dizer **eu estou com dor** (primeira pessoa) e **ele está com dor** (terceira pessoa) há uma assimetria, pois as duas sentenças têm funções completamente diferentes na linguagem. Em terceira pessoa posso comparar o que digo com a realidade, enquanto o meu próprio comportamento, em primeira pessoa, eu não posso observar, mas apenas exteriorizar.

Apesar de proposições como as de primeira pessoa serem tomadas como exteriorizações em determinados jogos de linguagem, é preciso reconhecer que podem ser usadas em outras circunstâncias, ou seja, em outros jogos de linguagem com funções diferentes. Dentro de um contexto específico, afirmações como **eu tenho dor de cabeça** podem ser tomadas como uma descrição. O traço de tal possibilidade é o uso que é feito de tal enunciado em um contexto específico.

Wittgenstein não nega a existência de um interior, mas chama a nossa atenção para tratar a questão das vivências interiores, não mais recorrendo a explicações metafísicas. É preciso reconhecer que há um pano de fundo (forma de vida e regras) “para que se possa comunicar aquilo que acontece comigo e saber aquilo que acontece com os outros” (PERUZZO JÚNIOR, 2011, p. 107).

Não aprendemos a expressar nossos estados internos ou descrever os de outra pessoa como aprendemos a descrever objetos físicos, pois a linguagem está envolvida

em uma multiplicidade de comportamentos não linguísticos. Ao enunciar **eu sinto dor** ou **ele sente dor**, é preciso reconhecer que tal expressão e descrição desempenham funções diferentes em nossa forma de vida. Wittgenstein entende que “aprender a nomear e identificar nossas dores é um passo posterior ao comportamento instintivo. Ao aprendermos a falar sobre nossas dores e comunicá-las a outras pessoas, estamos aprendendo um novo comportamento de dor” (FATTURI, 2010, p. 147), o que fica expresso nas *Investigações Filosóficas*:

Como as palavras se referem a sensações? Nisto não parece haver nenhum problema; pois não falamos diariamente de sensações e não as denominamos? Mas como é estabelecida a ligação entre o nome e o denominado? Por exemplo, da palavra “dor”. Esta é uma possibilidade: palavras são ligadas à expressão originária e natural da sensação, e colocadas no lugar dela. Uma criança se machucou e grita; então os adultos falam com ela e lhe ensinam exclamações e, posteriormente, frases. Ensinam à criança um novo comportamento perante a dor (WITTGENSTEIN, 1984, §244, grifo nosso).

A partir de tais considerações, podemos afirmar que o autor não busca em sua filosofia da psicologia construir uma teoria. Wittgenstein pretende apresentar, a partir de uma multiplicidade de exemplos, uma visão sinóptica dos usos distintos da linguagem com que falamos de nossos estados internos. Seu objetivo é nos afastar de uma falsa imagem do interior, que por sua vez é raiz de muitas confusões filosóficas. A partir da concepção pragmática da linguagem presente nas *Investigações Filosóficas*, que se espalha em sua análise do interior, o autor deixa a possibilidade de que conceitos, como seguimento de regras e forma de vida e suas consequências na crítica à compreensão cartesiana da interioridade, fossem vistos a partir de um enfoque antropológico. Isso significa um olhar para o ser humano à luz do pensamento wittgensteiniano.

3 REGRAS E FORMA DE VIDA: O ENFOQUE ANTROPOLÓGICO DE WITTGENSTEIN

O que significa seguir regras? O que regula e apoia nossas ações? Se respondermos essas perguntas do ponto de vista cartesiano, perceberemos a ênfase na busca por um conhecimento seguramente fundado que nos ajude a agir. Conseqüentemente, a regra estará calcada em uma noção intelectualista, isto é, subjetivista, pois aquilo que é propriamente eu, o pensamento, é mais bem conhecido. O modo como o filósofo

francês concebeu a subjetividade humana desqualificou o corpo o pano de fundo de interação entre os seres humanos.

A filosofia de Wittgenstein permite-nos superar a concepção antropológica que subjaz à filosofia cartesiana. A concepção de Wittgenstein do significado como uso e suas implicações na compressão das vivências interiores permitem-nos afirmar o enfoque antropológico do autor baseado na noção de agente engajado, sustentada pelo filósofo canadense Charles Taylor:

Compreendemos que a maneira antropológica de Wittgenstein está a serviço de seu retorno ao ordinário, e de sua arte de reconduzir nossos conceitos de “seu uso metafísico ao seu uso cotidiano”. A melhor maneira, de acordo com Wittgenstein, para caracterizar a vida humana seria a de compará-la a uma tapeçaria, a “tapeçaria da vida” [...] Nossos conceitos, nossas emoções, nossos sentimentos, nossos ardis desprendem-se vez a vez sobre um pano de fundo emaranhado feito de vida fervilhante. A necessidade de regularidade se exprime notadamente em nossa vida intelectual. Nossos ritos, costumes e cerimônias, nossos modos e nossos códigos, característicos do social, testemunham também a nossa exigência de regularidade (VALLE, 2012, p. 261).

Enquanto para o subjetivismo cartesiano a regra tem sua justificação em algum processo mental (consciente ou inconsciente), Wittgenstein adverte-nos que a regra é uma técnica aprendida dentro de uma determinada forma de vida. É indispensável a interação social para a elaboração de uma linguagem com significado. A aplicação e compreensão da regra se dão sempre contra um pano de fundo ao qual simplesmente nos apoiamos. Seguir regras, portanto, é uma prática social. Há um vínculo entre o pano de fundo e os seres humanos. Tal concepção escapa à perspectiva dominante na tradição epistemológica, que tem como característica peculiar conclamar-se,

cada um de nós a tornar-se uma mente pensante, responsável, autoconfiante em seus julgamentos (isso é, pelo menos, a regra). [...] A reificação do *eu* desprendido da primeira pessoa do singular já é evidente nas figuras fundadoras da tradição epistemológica moderna, por exemplo, em Descartes e Locke (TAYLOR, 2000, p. 184, grifo nosso).

O sujeito é um espaço interior capaz de representações. O mundo exterior é acessível à medida que é representado em uma **mente**, isto é, um mecanismo capaz de representações. Desse modo, o contato com o mundo exterior ocorre por meio das

representações que temos “dentro de nós”, as quais possuímos privilégio de acesso. Aquilo que **eu sou**, ou seja, o que me distingue, é definível independentemente do corpo e do outro. A capacidade de representações interiores, propriamente subjetivas, é o espaço interior que pode nos definir.

Wittgenstein se posiciona contra tal modo de conceber o ser humano, o agente não é um lugar para representações, mas é um agente engajado em práticas. As representações só adquirem sentido em um contexto: “Ver que nossa compreensão reside sobretudo em nossas práticas envolve atribuir um papel incontornável ao pano de fundo” (TAYLOR, 2000, p. 185). A presença dos falantes inseridos numa forma de vida é indispensável aos jogos de linguagem, pois esses só são possíveis “pela inserção no contexto cultural e social, na adoção de opiniões e crenças comuns a um tipo determinado de atividades precisas” (VALLE, 2012, p. 270). O jogo de linguagem é uma atividade que tem como pano de fundo uma forma de vida partilhada. Não basta conhecer as regras gramaticais, é preciso participar de uma comunidade cultural, aproximar-se das circunstâncias do cotidiano daqueles que estão inseridos na prática da linguagem.

Quem chega a um país estrangeiro aprenderá muitas vezes a língua dos nacionais por meio de elucidações ostensivas que estes lhe dão; e precisará frequentemente [sic] *adivinhar* a interpretação dessas elucidações, muitas vezes correta, muitas vezes falsamente (WITTGENSTEIN, 1984, §32, grifo nosso).

As regras são responsáveis pela regularidade de nossa linguagem e de nosso comportamento – mesmo que elas não sejam fixas. Por exemplo, podemos admitir o uso de uma chave de fenda para martelar. Contudo, as dificuldades serão manifestas e, desse modo, a tendência é buscarmos utilizar a ferramenta indicada para cada operação, fazendo com que nossas chances de êxito aumentem.

“Essas regras não são dadas *a priori*, não são produtos de uma mente alçada sobre o mundo. Elas não são exclusivas de um *cogito* isolado. Não estão no interior de um eu desengajado. Por isso [...] elas não podem ser vivenciadas em instâncias privadas” (VALLE, 2012, p. 272, grifo nosso).

As *Investigações Filosóficas* nos instigam a uma nova experiência do estar no mundo. O corpo não é tomado apenas como o “executante das metas que concebemos, nem o mero *locus* de fatores causais que nos moldam as representações” (TAYLOR, 2000, p. 185, grifo nosso). A nossa compreensão é corporificada. Charles Taylor

exemplifica tal afirmação por meio de dois exemplos: (1) podemos nos locomover num ambiente que nos é conhecido com facilidade e segurança⁷; e (2) o sentido que possuo de mim mesmo e da minha posição diante dos outros é em larga escala corporificado: a deferência que devo a alguém é mostrada na distância que me ponho diante dela⁸. Tais experiências não são capturadas em nossas representações, ou só o são de maneira imperfeita.

O pensamento tem também um lado físico: “Pensar não é nenhum processo incorpóreo que empresta vida e sentido ao ato de falar, e que pudéssemos separar do falar” (WITTGENSTEIN, 1984, §339). Por exemplo, a reação primitiva de dor não pode ser dissociada da expressão corpórea. Há um fundamento corpóreo de toda linguagem: “Sua posição não se encontra abaixo da linguagem verbal, mas biograficamente *antes* dela” (GEBAUER, 2013, p. 69, grifo nosso). Ações que parecem ser somente mentais têm uma parte de atividade corporal: “Penso, de fato, com minha caneta, pois minha cabeça frequentemente não sabe nada daquilo que minha mão está escrevendo” (WITTGENSTEIN apud GEBAUER, 2013, p. 69). Assim:

É enganador falar do pensamento como se tratasse de uma “atividade mental”. Podemos dizer que o pensamento é essencialmente a atividade que opera com signos. Esta atividade é realizada pela mão, quando pensamos por intermédio da escrita; pela boca e pela laringe, quando pensamos por intermédio da fala (WITTGENSTEIN, 2008, p. 29).

O corpo é levado em conta na característica de regularidade da regra, isto é, da ação. Se o “corpo humano tivesse uma constituição totalmente diferente, se fosse, por exemplo, imaterial ou assumisse novas formas constantemente, as regularidades especificamente humanas não poderiam ser produzidas” (GEBAUER, 2013, p. 81).

Assim como há um resgate do corpo, há também um resgate do outro. A regra é partilhada pelos participantes do jogo de linguagem. Quando perdemos de vista a regularidade da regra (o ritmo, a cadência), ficamos confusos e nossas ações ficam desordenadas. Não é possível seguir a regra privadamente, pois ela é uma prática

⁷ Caso alguém me peça para fazer um mapa ou que dê instruções explícitas a um estranho, posso encontrar certas dificuldades.

⁸ Posso me colocar em respeito diante da presença do outro, isto é, cheio de deferências, sem ao menos possuir a palavra deferência em meu vocabulário.

intersubjetiva, uma prática social que requer um costume, isto é, um uso regular: duas pessoas serrando uma tora com uma serra de dois manípulos, um casal dançando ou ainda o interlocutor que participa com gestos de cabeça e coisas do gênero. Existe um movimento comum em nossa linguagem e, por conseguinte, em nossas ações, pois nossa compreensão é corporificada não apenas como agentes individuais, mas enquanto coagentes de ações comuns.

As regras que regulam nossos jogos de linguagem não residem em nossas representações mentais, são práticas intersubjetivas: “Não podemos adivinhar como uma palavra funciona. Temos de *ver* seu emprego e aprender com isso” (WITTGENSTEIN, 1984, §340, grifo nosso). Somos treinados a reagir de uma determinada maneira, “alguém somente se orienta por um indicador de direção na medida em que haja um uso constante, um hábito” (WITTGENSTEIN, 1984, §198). As regras gramaticais não podem ser fundamentadas nem justificadas. A gramática não tem de prestar contas a nenhuma realidade. Elas funcionam como “padrões de razões para a ação, em vez de simplesmente constituir regularidades causais. Mas dar razões é algo que tem limite” (TAYLOR, 2000, p. 194). O limite é a forma de vida, assumirmos que é assim que agimos.

O treinamento pode nos levar à noção de adestramento de um animal. Contudo, não se trata de um condicionamento como no caso dos animais, pois eles não são treinados por outros animais. Somos introduzidos na forma de vida humana⁹, vamos adquirindo contato com o mundo social regulado e, por conseguinte, com “os instrumentos e critérios que nos auxiliam a produzir igualdade e conformidade com as regras” (GEBAUER, 2013, p. 86). Estas regras não são fixas, pois os usos linguísticos se ampliam e se aprimoram na história da vida.

As explicações encontram um fim, e devemos assumir que somos, enquanto seres humanos, agentes engajados em uma forma de vida. Não somos um *cogito* cartesiano – desprendido do corpo e do contexto – pairando sobre o mundo, ao contrário, somos partícipes da experiência de estar no mundo.

Se nossas vivências interiores não são objetos dentro de uma caixa à qual temos acesso privilegiado, elas só podem ser compreendidas a partir do lugar que ocupam

⁹ Ao fazermos parte de uma forma de vida, muitas de nossas ações não necessitam de reflexão e interpretação, simplesmente reagimos de uma determinada maneira: “Se alguém me pergunta ‘que horas são?’, não ocorre em mim nenhum trabalho de interpretação; simplesmente reajo ao que vejo e ouço” (WITTGENSTEIN apud GEBAUER, 2013, p. 85).

nos jogos de linguagem calcados em nossa forma de vida: “O homem passa a estar imerso em uma rede de significações, não sendo possível dissociar as vivências interiores deste conjunto arquitetônico que são os jogos de linguagem” (PERUZZO JÚNIOR, 2011, p. 89).

Sabedores de que é o contexto de nossa forma de vida que confere o significado a nossas palavras, põe-nos a combater a neutralidade pretensiosa tão característica de uma concepção que poderia ser classificada como individual por buscar o conhecimento tão somente no interior da mente do indivíduo. A ideia de pano de fundo oportunizada pelas formas de vida nos liberta dessa espécie de cárcere privado (VALLE, 2012, p. 278).

O pano de fundo¹⁰ é o contexto de inteligibilidade da experiência do agente engajado. Wittgenstein ressalta a maneira como uma palavra adquire seu significado nas transações entre as pessoas. Além de compreender a linguagem como o elemento primordial de uma comunidade, afasta-se radicalmente da tendência de conceber o homem como um puro pensamento que contempla a si mesmo, que significa as palavras por meio de uma apreensão contemplativa da experiência interior. Pertencemos a uma forma de vida, participamos de jogos de linguagem públicos e intersubjetivos, somos treinados a seguir regras, ou seja, somos seres humanos à medida que estamos inseridos em um pano de fundo. Em nossa ação regular há um pressuposto não dito: o pano de fundo compartilhado por todos, o que nos leva a reconhecer que somos seres humanos na medida em que estamos inseridos em uma forma de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao traçar o caminho do reconhecimento da multiplicidade de usos da linguagem, Wittgenstein se volta para a análise do interior e, ao tematizar questões como a possibilidade de uma linguagem privada e da expressão de nossos estados internos, o filósofo se afasta da tendência de tomar a subjetividade como algo que paira sobre todos nós e fundamenta todo o nosso conhecimento, nossa ação e, conseqüentemente, a nossa linguagem. É a afirmação da pluralidade da linguagem e sua relação com toda uma trama que escapa à própria linguagem – aquilo que analisamos a partir das

¹⁰ John Searle acreditava que grande parte da obra de Wittgenstein, depois do *Tractatus*, girava em torno da noção de pano de fundo.

noções de seguimento de regras e forma de vida – que nos permite conceber aquilo que chamamos de um enfoque antropológico na obra *Investigações Filosóficas*. Há um distanciamento em relação à noção cartesiana de homem como pura subjetividade, afastada do mundo e autossuficiente. Wittgenstein supera o subjetivismo cartesiano e traz para o centro da reflexão filosófica a importância do vínculo entre o homem, seu corpo, seus pares e o mundo.

O enfoque antropológico de Wittgenstein emerge como resultado de uma maneira peculiar de praticar filosofia, sendo que o filósofo passa a entendê-la não como uma teoria, mas como uma atividade de análise da linguagem. Não há qualquer definição de uma concepção de homem em suas obras, sendo assim, não podemos dizer que o autor faz uma antropologia científica, ou até mesmo filosófica. No entanto, a preocupação pelo homem e pelo modo como ele se relaciona com o mundo e com a linguagem, enquanto espaço de expressividade e inteligibilidade desse último, perpassa todo o seu trabalho e ganha traços importantes na obra que marca a sua segunda fase, as *Investigações Filosóficas*.

Ao redimensionar a concepção de interior, recusando a posição cartesiana da subjetividade, Wittgenstein faz com que o olhar sobre o homem também seja outro. É aqui que reside o enfoque antropológico das *Investigações Filosóficas*: a preocupação com a relação do homem com o mundo e com o meio que utilizamos para nos articularmos nessa relação (a linguagem). A partir do enfoque antropológico de Wittgenstein, há uma mudança de perspectiva: a linguagem é a atividade de um grupo, o que leva-nos a pensar o homem não mais como um indivíduo isolado, de puro pensamento, detentor da verdade absoluta e unilateral. O homem que emerge do trabalho filosófico, elaborado pelo autor em sua segunda fase, é um homem que se relaciona com seus pares e com o contexto; é o homem que confere significado à expressão do mundo não por referência a alguma caixa fechada, a qual somente ele tem acesso, mas através do aprendizado intersubjetivo dos usos da linguagem em sua multiplicidade.

O trabalho de pensar a noção de enfoque antropológico que aparece na leitura das *Investigações Filosóficas* se torna importante, uma vez que vivemos em um tempo marcado pelo banimento das diferenças e da liquidação do que não é igual e pela influência de tal visão despreendida sobre o nosso pensamento e nossa cultura, que tem consequências em instituições e práticas que requerem esse modelo: a tecnologia, as formas racionalizadas de produção, a administração burocrática, a ciência e uma civilização comprometida com o progresso.

REFERÊNCIAS

- DONAT, M. A noção wittgensteiniana de consciência. In: DALL'AGNOL, D.; FATTURI, A.; SATTLER, J. (Org.). **Wittgenstein em retrospectiva**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012. p. 151-161.
- FATTURI, A. **Mundo interior e expressão: a filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein**. 2010. 173 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- GEBAUER, G. **O pensamento antropológico de Wittgenstein**. Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2013.
- GLOCK, H. J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- HEBECHE, L. A. **O mundo da consciência: ensaio a partir da filosofia da psicologia de L. Wittgenstein**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- MARQUES, A. C. **O interior: linguagem e mente em Wittgenstein**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- PERUZZO JÚNIOR, L. **Wittgenstein: o interior numa concepção pragmática**. Curitiba: CRV, 2011.
- TAYLOR, C. **Argumentos filosóficos**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Loyola, 2000.
- VALLE, B. Wittgenstein: o seguimento de regra como a melhor imagem da alma humana. In: SGANZERLA, A.; VALVERDE, A. J. R.; FALABRETTI, E. S. (Org.). **Natureza humana em movimento: ensaios de antropologia filosófica**. São Paulo: Paulus, 2012. p. 260-279.
- WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- _____. **O livro azul**. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2008.